

II



Ramphastos toco

CARACTERIZAÇÃO DE GRUPOS BIOLÓGICOS DO CERRADO PÉ-DE-GIGANTE

9. Aves

Pedro Ferreira Develey
Daniel Dario Cavana
Vânia Regina Pivello

PARTE II

Entre os diversos biomas brasileiros, o cerrado é um dos menos conhecidos quanto à fauna e, ao mesmo tempo, um dos mais ameaçados na região neotropical. Devido à sua grande diversidade biológica, à peculiaridade das espécies que contém e ao seu grau de ameaça, o cerrado encontra-se entre os 25 *hotspots* definidos em 2000 pela International Conservation, que englobam as regiões biologicamente mais ricas e ameaçadas do planeta (Myers *et al.*, 2000).

No Estado de São Paulo, essa situação de ameaça é clara, restando apenas 1,17% de vegetação original típica do cerrado (São Paulo, 1997). O uso extensivo de áreas principalmente para plantações de cana-de-açúcar, frutas cítricas e monoculturas florestais (*Eucalyptus* e *Pinus*) ocasionou a grande perda de habitats observada no interior do Estado, com grande prejuízo à sobrevivência da fauna nativa. Em consequência, a maior parte da avifauna associada aos cerrados e matas estacionais que ocorriam na região foi perdida. Willis e Oniki (1992) estimaram que 54 espécies de aves estão desaparecendo no interior do Estado, sendo esse número muito maior quando comparado ao número de espécies ameaçadas no litoral e serras costeiras. Diante desse grau de devastação, a conservação dos fragmentos remanescentes de cerrado no Estado é de vital importância. Mesmo apresentando tamanhos reduzidos, esses fragmentos ainda abrigam muitas espécies de aves ameaçadas, sendo o último refúgio para muitas delas.

Até o momento, em toda a região do cerrado brasileiro registrou-se um total de 837 espécies de aves, distribuídas em 64 famílias (Silva, 1995) e apenas 32 espécies são consideradas endêmicas (Silva & Bates, 2002). A baixa taxa de endemismos pode ser explicada pela grande diversidade de paisagens no Domínio do Cerrado, traduzindo-se na presença de uma avifauna que, embora bastante variada, mostra-se pouco característica. Muitas das espécies podem ser encontradas em outros ecossistemas, como as espécies de áreas abertas, que também ocorrem na caatinga, nos pampas e no chaco boliviano, e as espécies florestais, que correspondem a elementos amazônicos ou da Mata Atlântica. A maioria das aves que ocorre no cerrado – cerca de 83% das espécies – ainda mantém forte dependência com as florestas ripárias ou de interflúvio que ocorrem no domínio (Silva e Bates, 2002).

Levantamentos de aves ainda são escassos nos fragmentos de cerrado do Estado de São Paulo. Willis e Oniki (1981) estudaram as aves em três áreas de cerrado protegidas próximas à cidade de Assis, Santa Bárbara e Porto Ferreira. Mais recentemente, Dias (2000) identificou 302 espécies de aves na Estação Ecológica de Jataí, área vizinha à Gleba Pé-de-Gigante, em um levantamento que durou mais de 10 anos. As informações geradas nesses levantamentos são de grande importância para a elaboração de planos de manejo, além de justificarem a preservação dessas áreas.

Este capítulo apresenta uma lista preliminar das aves registradas na Gleba Cerrado Pé-de-Gigante, com informações a respeito do habitat preferencial e da biologia das espécies registradas.

As aves da Gleba Pé-de-Gigante

O levantamento realizado na Gleba Cerrado Pé-de-Gigante abrangeu as fisionomias de cerradão e cerrado *sensu stricto*, além dos campos alagados, matas ciliares e mata estacional, dentro dos limites da Gleba. Percorridos esses diferentes ambientes, foram feitas observações complementares nas suas bordas.

O trabalho de campo abrangeu visitas mensais, entre os anos de 1996 e 1997, com cerca de três dias de permanência no campo, em cada visita, e uma visita posterior, em 2002. A maior parte das espécies foi identificada por meio do uso de binóculos, e de muitas também se gravou a vocalização.

Registraram-se 144 espécies de aves na Gleba do Cerrado Pé-de-Gigante (Tabela 9.1), das quais cinco estão sob pressão de extinção local. A Figura 9.1 ilustra algumas das espécies observadas na área.

foto Édson Endrigo



Tico-tico-rei (*Coryphospingus cucullatus*)

Pica-pau-de-banda-branca (*Dryocopus lineatus*)

Figura
9.1

foto Édson Endrigo



foto Édson Endrigo



Choca-bate-rabo (*Thamnophilus punctatus*)

Figura
9.1

Saira-amarela (*Tangara cayana*)

foto Édson Endrigo





foto Édson Endrigo

Gralha-de-topete (*Cyanocorax cristatellus*)

Figura
9.1

Figura
9.1



foto Édson Endrigo

Surucuá-de-barriga-vermelha (*Trogon surrucura*)

Tabela 9.1. Avifauna registrada na Gleba do Cerrado Pé-de-Gigante (Santa Rita do Passa Quatro, SP). A nomenclatura e a ordem sistemática das espécies segue Sick (1997). (Me = mata estacional semidecídua; Mc = mata ciliar; C = fisionomias de cerrado, A = ambientes aquáticos; B = bordas da Gleba; S = sobrevoando diversos habitats.)

Família e Espécie	Nome Comum	Habitat	Grau de Ameaça
Tinamidae			
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temmincki, 1815)	Inhambu-chintã	C, Me	-
Ardeidae			
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	Maria-faceira	B	-
Cathartidae			
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	Urubu-comum	S, C	-
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	Urubu-rei	S, C	Em Perigo
<i>Cathartes aurea</i> (Linnaeus, 1758)	Urubu-de-cabeça-vermelha	S	-
Acciptridae			
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	Gavião-peneira	S, C	-
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	Sovi	S, C	-
<i>Buteo albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	Gavião-fumaça	S	-
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1789)	Gavião-carijó	C	-
Falconidae			
<i>Herpetotheres cachinnans</i> Linnaeus, 1758	Acauã	C	-
<i>Polyborus plancus</i> (Miller, 1777)	Carcará	C	-
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	Carrapateiro	C	-
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	Quiriquiri	B	-
Cracidae			
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	Jacu	C, Me	-
Rallidae			
<i>Aramides cajanea</i> (Müller, 1776)	Saracura	A	-
<i>Rallus nigricans</i> Vieillot, 1819	Saracura-preta	A	-
<i>Galinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	Galinha-d'água	A	-
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	Sanã-carijó	A	-
Cariamidae			
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	Seriema	B	-
Charadriidae			
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	Quero-quero	B	-
Columbidae			
<i>Columba picazuro</i> (Temminck, 1813)	Asa-branca	C	-
<i>Columba cayennensis</i> Bonnaterre, 1792	Pomba-galega	Me	-
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	Avoante	B	-
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1813)	Rolinha	B	-
<i>Scardafela squammata</i> (Lesson, 1831)	Fogo-apagou	C, B	-
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1812)	Juriti	Me	-
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	Juriti-pupu	Me	-

Família e Espécie	Nome Comum	Habitat	Grau de Ameaça
Psittacidae			
<i>Aratinga leucophthalmus</i> (Müller, 1776)	Maracanã	C	-
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1789)	Jandaia	C	-
<i>Brotogeris versicolurus</i> (Vieillot, 1817)	Periquito	C	-
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	Tuim	C	-
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	Papagaio-verdadeiro	C	Vulnerável
Cuculidae			
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	Papa-lagarta	C	-
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	Alma-de-gato	C	-
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	Anu-preto	B	-
<i>Guira Guira</i> (Gmelin, 1788)	Anu-branco	B	-
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	Saci	B	-
Strigidae			
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	Suindara	B	-
<i>Otus choliba</i> (Vieillot, 1817)	Corujinha-do-mato	C	-
<i>Speotyto cunicularia</i> (Molina, 1782)	Coruja-buraqueira	B	-
Caprimulgidae			
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	Curiango	C, Me	-
<i>Caprimulgus parvulus</i> Gould, 1837	Bacurau-pequeno	C, B	-
<i>Hydropsalis brasiliiana</i> (Gmelin, 1789)	Curiango-tesoura	C	-
Apodidae			
<i>Chaetura andrei</i> Berlepsch & Hartert, 1902	Andorinhão	S	-
Trochilidae			
<i>Phaetornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1830)	Rabo-branco	Me, Mc	-
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	Tesourão	C	-
<i>Melanotrochilus fuscus</i> (Vieillot, 1817)	Beija-flor-preto e branco	Mc	-
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	Beija-flor-violeta	C	-
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	Beija-flor-preto	C	-
<i>Chlorostilbon aureoventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)	Besourinho	C	-
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	Beija-flor-dourado	C	-
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	Beija-flor-verde	C, Me	-
Trogonidae			
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	Surucuá-de-barriga-vermelha	Me, C	-
Momotidae			
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	Juruva	Me, C	-
Bucconidae			
<i>Nystalus chacuru</i> Vieillot, 1816	João-bobo	C	-
Ramphastidae			
<i>Ramphastos toco</i> P.L.S. Müller, 1776	Tucano-toco	C	-

Família e Espécie	Nome Comum	Habitat	Grau de Ameaça
Picidae			
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	Pica-pau-anão	Me	-
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	Pica-pau-escamado	C	-
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	Pica-pau-do-campo	B	-
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	Pica-pau-verde	B	-
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	Pica-pau-de-banda-branca	C	-
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	Pica-pau-branco	B	-
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	Pica-pau-pequeno	C, Mc	-
<i>Campephillus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	Pica-pau-de-topete-vermelho	C	-
Formicariidae			
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	Choró-boi	C	-
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	Choca-barrada	C	-
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	Choca-da-mata	Me	-
<i>Thamnophilus punctatus</i> Hellmayer, 1924	Choca-bate-rabo	C	-
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	Choquinha-lisa	Me	-
<i>Herpsilochimus atricapillus</i> (Temminck, 1822)	Chororozinho	Me	-
<i>Formicivora rufa</i> (Wied, 1831)	Papa-formiga	Mc	-
Furnariidae			
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	João-de-barro	B	-
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	Petrim	B	-
<i>Certhiaxis cinnamomea</i> (Gmelin, 1788)	Currutié	A	-
Dendrocolaptidae			
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	Arapaçu-liso	Me	-
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	Arapaçu-do-cerrado	Mc, C	-
Tyrannidae			
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	Risadinha	B	-
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	Guaracava	B	-
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Canabis & Haine, 1859)	Tuque	C	-
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	Alegrinho	B	-
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	Miudinho	Me	-
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (Lafresnaye & d'Orbigny, 1837)	Sebinho-olho-de-ouro	C	-
<i>Tordirostrum plumbeiceps</i> Lafresnaye, 1846	Ferreirinho	Me	-
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Müller, 1776)	Filipe	B	-
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	Guaracavuçu	C	-
<i>Pyrocephallus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	Verão	B	-
<i>Xolmis cinerea</i> (Vieillot, 1816)	Maria-branca	B	-
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	Viuvinha	B, Me	-
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	Tesoura-do-brejo	A	-
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	Suiriri-pequeno	B	-

Família e Espécie	Nome Comum	Habitat	Grau de Ameaça
<i>Machetornis rixosus</i> (Vieillot, 1819)	Bentevi-do-gado	B	-
<i>Casiornis rufa</i> (Vieillot, 1816)	Caneleiro	C	-
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	Maria-cavaleira	C	-
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Müller, 1776)	Maria-cavaleira-enferrujado	C	-
<i>Myiarchus swainsoni</i> Canabis & Heine, 1859	Irrê	C	-
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	Bentevi	B	-
<i>Megarhynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	Bentevi-de-bico-chato	C, B	-
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	Bentevizinho	B	-
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	Suiriri	B	-
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	Tesoura	B, C	-
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	Peitica	B	-
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Müller, 1776)	Bentevi-carijó	B	-
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	Caneleiro-de-crista	B	-
Hirundinidae			
<i>Phaeoprogne tapera</i> (Linnaeus, 1766)	Andorinha-do-campo	S	-
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	Andorinha-serrador	S	-
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	Andorinha-azul-e-branca	S	-
Corvidae			
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	Gralha-de-topete	C	-
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	Gralha-piçaça	C	-
Troglodytidae			
<i>Donacobius atricapillus</i> (Linnaeus, 1766)	Japacamim	A	-
<i>Troglodytes aedon</i> Vieillot, 1807	Corruíra	B	-
Muscicapidae (Turdinae)			
<i>Turdus subalaris</i> Canabis, 1874	Sabiá-ferreiro	C	-
<i>Turdus amaurochalinus</i> Canabis, 1851	Sabiá-poca	C	-
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	Sabiá-laranjeira	C	-
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	Sabiá-branco	C	-
Mimidae			
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	Sabiá-do-campo	B	-
Vireonidae			
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	Pitiguari	C, B	-
Emberizidae (Parulinae)			
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	Pia-cobra	A	-
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	Canário-do-mato	C	-
<i>Basileuterus hypoleucus</i> (Lichtenstein, 1830)	Pula-pula	Me	-
(Thraupinae)			
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	Bico-de-veludo	Mc	-

Família e Espécie	Nome Comum	Habitat	Grau de Ameaça
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	Saíra-de-chapéu-preto	C	-
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	Tiê-preto	Me, Mc	-
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1822)	Sanhaço-fogo	C	-
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	Bico-de-prata	B	-
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	Sanhaço	Mc, B	-
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1776)	Vivi	Mc	-
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	Saíra-amarela	C	-
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	Saí-azul	C, Me	-
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	Sebinho	Me	-
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	Saí-andorinha	Mc	-
(Emberizinae)			
<i>Zonotrichia capensis</i> (Müller, 1776)	Tico-tico	B	-
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	Tico-tico-do-campo	B	-
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	Canário	B	-
<i>Emberezoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	Canário-do-campo	B	-
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	Tiziu	B	-
<i>Sporophila caerulea</i> (Vieillot, 1817)	Coleirinho	B	-
<i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817)	Chorão	B	-
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	Patativa-verdadeira	Mc, B	Em Perigo
<i>Oryzoborus angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	Curió	Mc, B	Vulnerável
<i>Coryphospingus cucullatus</i> (Müller, 1776)	Tico-tico-rei	B	-
(Cardinalinae)			
<i>Saltator atricolis</i> Vieillot, 1817	Batuqueiro	C	Vulnerável
<i>Saltator similis</i> (Lafresnaye&d'Orbigny, 1837)	Trinca-ferro	Me	-
(Icterinae)			
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	Encontro	C	-
<i>Gnorimnopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	Pássaro-preto	C	-

Características da avifauna da Gleba Cerrado Pé-de-Gigante

É possível notar uma diferença quanto à riqueza de espécies de aves nos diferentes trechos e fisionomias de vegetação da Gleba. No lado norte, na porção mais alta e com fisionomias de cerrado *sensu stricto* e cerradão, registrou-se um menor número de aves; a pomba asa-branca (*Columba picazuro*), a gralha-de-topete (*Cyanocorax cristatellus*), a choquinha-bate-rabo (*Thamnophilus punctatus*) e o canário-do-mato (*Ba-*

sileuterus flaveolus) são as espécies mais comuns. As duas últimas espécies foram observadas sempre juntas, formando associações heteroespecíficas.

Essas associações de duas ou mais espécies são conhecidas como bandos mistos e ocorrem praticamente no mundo inteiro, sendo muito mais complexos em florestas tropicais (Greenberg, 2000). Em áreas de cerrado aberto, em Brasília, registraram-se até 25 espécies participando dessas associações multiespecíficas (Alves & Cavalcanti, 1996); já nos cerrados que existem na região de Brotas, interior de São Paulo, Ragusa-Netto (1999) registrou um total de 34 espécies em bandos mistos.

Na porção centro-sul da Gleba, onde há campo úmido, floresta ciliar e floresta estacional, entremeados por cerrado, registrou-se uma avifauna muito mais rica. A própria diversidade de habitats pode explicar a maior riqueza de aves nesta localidade.

O trecho dominado por floresta estacional semi-decídua abriga algumas espécies exclusivas, não observadas nas áreas de cerrado. Espécies como a choca-lisa (*Dysithamnus mentalis*), o miudinho (*Myiornis auricularis*) e o ferreirinho (*Tordirostrum plumbeiceps*), são todas características de matas mais úmidas e, dentro da Gleba Pé-de-Gigante, estão restritas aos trechos de floresta estacional. Outras aves, como a juruva (*Baryphthengus ruficapillus*) e o surucuá-de-barriga-vermelha (*Trogon surrucura*), também são características de floresta estacional e comuns nas outras glebas do Parque Estadual de Vassununga (Willis & Oniki, 1981). No Pé-de-Gigante, entretanto, essas duas espécies também foram observadas no meio do cerrado *sensu stricto*.

A presença de florestas estacionais e ripárias no Domínio do Cerrado permitiu que muitas espécies com centros de distribuição na Amazônia e na Mata Atlântica expandissem suas áreas de ocorrência em direção ao Brasil Central (Silva, 1995). A mancha de floresta estacional existente dentro da Gleba Pé-de-Gigante abriga alguns elementos da avifauna característicos da Mata Atlântica. Algumas dessas aves podem utilizar esporadicamente trechos de cerrado e cerradão próximos às matas, mas sua ocorrência no local está diretamente associada à mata estacional. Esses dados corroboram a afirmação de Silva e Bates (2002) sobre muitas das aves do cerrado serem dependentes de áreas de mata.

Nos campos úmidos e em outras áreas de vegetação aberta do córrego Paulicéia, foram registradas as espécies associadas a ambientes aquáticos, como a saracura (*Aramides cajanea*), a galinha d'água (*Gallinula chloropus*) e a sanã-carijó (*Porzana albicollis*). Essas são espécies pouco exigentes quanto à qualidade ambiental, e ocorrem em quaisquer áreas brejosas. Outras espécies também pouco exigentes foram observadas somente nas bordas da Gleba, não ocorrendo no seu interior. Muitas dessas aves usam o Cerrado Pé-de-Gigante apenas como dormitório, dispersando-se para as áreas vizinhas durante o dia.

Espécies raras e ameaçadas

Do total de espécies encontradas na Cerrado Gleba Pé-de-Gigante, cinco são consideradas ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo, de acordo com o Decreto Estadual 42.838, de 4 de fevereiro de 1998 (São Paulo, 1998). Esse número de espécies ameaçadas não é muito expressivo quando comparado a outras áreas de cerrado no interior de São Paulo. Na Estação Ecológica de Itirapina, por exemplo, onde predominam as formações abertas de campo limpo, campo sujo e campo cerrado, há 11 espécies ameaçadas (Motta-Júnior & Granzinoli, 2002). De fato, a maior parte das espécies consideradas ameaçadas no Estado ocorre preferencialmente nas fisionomias mais abertas do cerrado (campos), um tipo de habitat raro na Gleba Pé-de-Gigante.

Entre as cinco espécies ameaçadas, o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*) e o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) apresentam grande capacidade de vôo, deslocando-se com frequência entre a Gleba Pé-de-Gigante e os fragmentos de mata e cerrado que existem na região. O urubu-rei geralmente nidifica em paredões rochosos e há indícios de sua reprodução na Estação Ecológica de Jataí (Dias, 2000). A Gleba Pé-de-Gigante deve ser um importante ponto de abrigo e alimentação para a espécie. O papagaio-verdadeiro foi observado sobrevoando a Gleba esporadicamente e, apesar de ser muito mais comum nos fragmentos de floresta estacional, vizinhos à Gleba, deve usar o Pé-de-Gigante como ponto de alimentação, uma vez que várias espécies vegetais na área produzem frutos atrativos às aves.

A patativa-verdadeira (*Sporophila plumbea*) e o curió (*Oryzoborus angolensis*) estão entre as espécies canoras mais cobiçadas no país (Sick, 1997). A captura de indivíduos vivos para comercialização, aliada à perda de habitat, ocasionou o declínio populacional dessas espécies. A patativa-verdadeira vive na beira de matas, campos e vegetação ribeirinha, não se adaptando às áreas invadidas por gramíneas exóticas, o que é um sério problema em vários trechos do Cerrado Pé-de-Gigante (vide Capítulo 22).

Finalmente, o batuqueiro (*Saltator atricollis*) é mais característico de cerrados abertos, sendo uma espécie pouco comum na Gleba.

Fluxo de espécies entre o Cerrado Pé-de-Gigante e o reflorestamento vizinho

Foram observadas 22 espécies deslocando-se entre o Cerrado Pé-de-Gigante e o reflorestamento de eucaliptos vizinho à sua porção oeste (Tabela 9.2). A maioria dessas espécies, com exceção das duas espécies de gralhas, é muito comum e pouco exigente, ocorrendo inclusive em áreas urbanas relativamente arborizadas. Muitas dessas espécies não entram muito no eucaliptal, permanecendo na borda, próximas à vegetação de cerrado. Com uma pequena disponibilidade de recursos alimentares, a plantação de eucaliptos no entorno da Gleba Pé-de-Gigante deve representar um habitat des-

favorável às aves do cerrado. Em estudo comparando uma mata de galeria, um cerrado e um eucaliptal com sub-bosque formado por espécies nativas, Motta-Júnior (1990) verificou que a riqueza de aves era bem menor no eucaliptal. Acredita-se que a existência de um sub-bosque formado por espécies nativas nessas plantações de eucaliptos influencia diretamente a composição da avifauna; quanto menor o desenvolvimento do sub-bosque dentro do reflorestamento, mais pobre será a avifauna (Machado & Lamas, 1996).

Tabela 9.2. Espécies observadas deslocando-se entre a Gleba Cerrado Pé-de-Gigante e o reflorestamento de eucaliptos vizinho.

Espécie	Nome Comum
<i>Columba picazuro</i>	Asa-branca
<i>Columba cayennensis</i>	Pomba-galega
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha
<i>Aratinga aurea</i>	Jandaia
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca
<i>Campephillus melanoleucus</i>	Pica-pau-de-topete-vermelho
<i>Eupetomena macroura</i>	Tesourão
<i>Hylocharis chrysura</i>	Beija-flor-dourado
<i>Tyrannus savana</i>	Tesoura
<i>Myiodinastes maculatus</i>	Bentevi-carijó
<i>Megarhynchus pitangua</i>	Bentevi-de-bico-chato
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bentevi
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branco
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	Gralha-de-topete
<i>Cyanocorax chrysops</i>	Gralha-picaça
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-fogo
<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto
<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho

No caso do eucaliptal situado no entorno imediato da Gleba Cerrado Pé-de-Gigante, não existe um sub-bosque desenvolvido, o que o torna extremamente pobre em aves. As poucas espécies observadas no reflorestamento ou se restringem às bordas próximas à Gleba ou usam a área apenas como passagem para atingir fragmentos de vegetação nativa nos arredores, mesmo porque essas aves possuem boa capacidade de voo. A manutenção de algumas faixas onde o sub-bosque pudesse se desenvolver no interior do reflorestamento poderia ser uma medida eficiente para aumentar o número de espécies capazes de se deslocar dentro do eucaliptal, utilizando a área como um ponto de alimentação ou até mesmo para reprodução.

Considerações finais

O intenso processo de ocupação e desenvolvimento do interior do Estado de São Paulo levou à perda de habitats naturais, com o desaparecimento de muitas espécies de aves. Nos fragmentos remanescentes de vegetação natural, entretanto, ainda pode ser encontrada uma avifauna de grande interesse biológico. Muitos desses fragmentos, como é o caso da Gleba Cerrado Pé-de-Gigante, correspondem a unidades de conservação, e estão, pelo menos, protegidos pela legislação.

Além de representar um dos últimos testemunhos da fauna de cerrado do interior paulista, outro fator que torna a Gleba Cerrado Pé-de-Gigante muito interessante é o grande número de pesquisas realizadas no local, sobre aspectos do meio físico e biológico (muitas delas são apresentadas neste livro). Essas pesquisas permitem uma melhor compreensão dos fatores de pressão sobre a área e a elaboração de propostas de manejo.

Em relação à avifauna, este capítulo representa uma primeira abordagem. Muitas pesquisas ainda devem ser incentivadas na área, a fim de gerar informações que revertam na conservação das aves e de seus habitats.

Referências Bibliográficas

- ALVES, M. A. & CAVALCANTI, R. B. 1996. Sentinel behavior, seasonality, and the structure of birds flocks in a brazilian savanna. *Ornitologia Neotropical* 7: 43-51.
- DIAS, M. M. 2000. Avifauna das Estações Ecológica de Jataí e Experimental de Luiz Antônio, São Paulo, Brasil. In: SANTOS, J. E. & PIRES, J. S. R. (eds.) Estação Ecológica de Jataí – volume 1. São Carlos, Rima. pp 285-301.
- GREENBERG, R. 2000. Birds of many feathers: the formation and structure of mixed species flocks of forests birds. In: BOINSKI, S. & GARBER, P. A. (eds.) *On the Move*. Chicago, The University of Chicago Press. p.521-558.
- MACHADO, R. B. & LAMAS, I. R. 1996. Avifauna associada a um reflorestamento de eucalipto no município de Antônio Dias, Minas Gerais. *Ararajuba* 4: 15-22.
- MOTTA Jr, J. C. 1990. Estrutura trófica e composição das avifaunas de três habitats terrestres na região central do Estado de São Paulo. *Ararajuba* 1: 65-71.
- MOTTA Jr, J. C. & GRANZINOLLI, M. A. M. 2002. Ocorrência de aves ameaçadas e endêmicas de cerrado em fragmentos do Estado de São Paulo. *Simpósio ecologia e biodiversidade do Cerrado. Resumos*. Brasília, DF, 05 A 08 de junho/ 2002.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, A. R.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B. & KENT, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- RAGUSA-NETTO, J. 1999. Sócio ecologia dos bandos mistos de aves em campo-cerrado (Brotas, SP). Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências/UNESP.
- SÃO PAULO, 1997. Cerrado: bases para a conservação e uso sustentável das áreas de cerrado do estado de São Paulo. Série Probio/SP. 113p.
- SÃO PAULO, 1998. Fauna ameaçada no estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Série Probio/SP. 56p.
- SICK, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- SILVA, J. M. C. 1995. Birds of the Cerrado Region, South America. *Steenstrupia* 21: 69-92.
- SILVA, J. M. & BATES, J. M. 2002. Biogeographic patterns and conservation in the South American Cerrado: A tropical savanna hotspot. *Bioscience* 52: 225-233.
- SILVA, J. M. C. 1997. Endemic bird species and conservation in the Cerrado Region, South America. *Biodiversity and Conservation* 6: 435-450.
- WILLIS, E. O. & ONIKI, Y. 1981. Levantamento preliminar de treze áreas do estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biologia* 41: 121-135.
- WILLIS, E. O. & ONIKI, Y. 1992. Losses of São Paulo birds are worse in the interior than in Atlantic forests. *Ciência e Cultura* 44: 326-328.